

A DIALÉTICA DA LINGUAGEM GERENCIALISTA

THE DIALECTIC OF MANAGEMENT LANGUAGE

Gabriela Piovesan Leitão Tibola

Patrick Araújo Pereira

Altamir Botoso

UEMS

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar e analisar, sob a luz da filosofia da linguagem, a problemática da linguagem gerencial, com traços neoliberais, nos discursos contemporâneos por meio de trechos de interpretação da literatura de autoajuda, empregando como *corpus* a obra *Pai Rico, Pai Pobre*, de Robert Toru Kiyosaki (2011). A análise busca reconhecer termos ressignificados e, ainda, interiorizados sob práticas ideológicas que pregam liberdade, porém que oprimem as classes trabalhadoras. A exploração tida dentro da linguagem gerencial é sutil a tal ponto que passa a ser internalizada em discursos cotidianos sem que os sujeitos se deem conta. Assim, o presente artigo tem o intuito de reconhecer práticas de dominação e exploração dentro desta linguagem e a forma em que esta permeia e transpassa os sujeitos do mundo. Como suporte teórico, utilizam-se os estudos dos seguintes críticos: Volóshinov (2018), Heidegger (1979, 2015), Gaulejack (2007), Zizek (1996, 2017), Dowbor (2017), dentre outros.

Palavras-chave: Linguagem gerencialista. Filosofia da linguagem. Literatura de auto-ajuda. *Pai Rico, Pai Pobre*.

Abstract: *The objective of this article is to present and to analyze, in perspective of the philosophy of language, the managerial problem, with neoliberal traits, in the contemporaries discourses through excerpts of interpretation of self-help literature, using as corpus the book Rich Dad, Poor Dad, by Robert Toru Kiyosaki (2011). The analysis seeks to recognize resignified terms and also internalized in that ideological practices that preach liberty, but oppress the working class. The exploration in the managerial language is subtle to the point that go by internalized in the daily discourses without that the subjects perceive it. Thus, the present article has the intention of recognize domination and exploration practices in this language and the way it permeated under the world subjects. As theoretical support, the studies by the following critics are used: Volóchinov (2018), Heidegger (1979, 2015), Gaulejack (2007), Zizek (1996, 2017), Dowbor (2017), among others.*

Keywords: *Managerial language. Philosophy of language. Self-help literature. Rich Dad, Poor Dad.*

INTRODUÇÃO

A linguagem, de certa forma, pode afetar relações hipermodernas¹. Para isso, é necessária a reflexão em relação aos aspectos intrínsecos e extrínsecos da linguagem e, assim, pensar nas próprias relações sociais e de poder. Desta maneira, quando uma palavra ou conceito passa por uma ressignificação e acaba por adquirir outro significado é uma prova constante de que a sociedade e a língua são mutáveis e, por isso, estão em constantes mudanças dialéticas. Assim como Gaulejac (2007), em seu estudo da *Gestão como Doença Social*, demonstra, de maneira assertiva, como o conceito de gestão ressignificou-se em um mundo hipermoderno e adquiriu uma dimensão social e psicológica.

Neste sentido, a modernidade capitalista hipermoderna faz com que o indivíduo passe cada vez mais por uma dinâmica de super-produtividade, como observado em grandes empresas de capital aberto, como é o caso da *Amazon*. Gaulejac (2007) salienta que a palavra gestão em si não carregaria nenhum problema semântico, afinal, significaria organizar as tarefas diárias, o que seria comum e inteligente. No entanto, o conceito adquiriu uma nova significação, sendo apropriado por grandes empresas e, também, muitas vezes, utilizado como vocabulário de *coaches*. Para o autor, nem todos os resultados são negativos, *a priori*, porém a cultura do alto desempenho não é a ideal para o mundo do trabalho, “principalmente quando ela vem a justificar práticas de gerenciamento, cuja brutalidade nada deixa a invejar às mais repressivas do poder disciplinar” (GAULEJAC, 2007, p. 196).

Dessa maneira, empresas passam a possuir sua própria “teologia” baseada em conceitos, palavras e dogmas e – assim como as demais religiões –, o mercado de trabalho tem a necessidade de sua autoafirmação por intermédio do discurso social e da ideologia dominante, desta forma, deixa apenas de Ser e passa a se justificar. Estas grandes empresas, geralmente configuradas como conglomerados multinacionais, exploram ao máximo os serviços de base para que se diminuam os custos e, assim, gerem mais lucro. Conforme argumenta Dowbor:

Esses grupos financeiros estão no centro da dinâmica que mais nos interessa esclarecer no presente trabalho: a complementação entre a forma tradicional da mais-valia numa empresa produtiva – por meio de baixos salários – e processos mais sofisticados, baseados na financeirização, que se tornaram hoje dominantes. E esta apropriação do produto social se realiza por mecanismos globais, acima do poder regulador dos Estados (2017, p. 67).

Ou seja, o trabalho passa a ser mais apropriado por multinacionais que denominam a forma que ele deve acontecer e o preço a ser pago, sem que os mecanismos estatais possam fazer algo

1. O conceito de hipermoderno é usado recorrentemente para tratar de temas atuais. Esse termo foi criado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky para delimitar o momento atual da sociedade humana. Assim, o prefixo “hiper” é utilizado em referência a uma exacerbação dos valores criados na modernidade: “O pensador defende que, em seguida à pós-modernidade, a partir dos anos 1980, estamos em outra etapa: a hipermodernidade, caracterizada por hiperconsumo e hipernarcisismo. Enquanto na pós-modernidade explicita-se o gozo, na hipermodernidade, explicita-se a angústia. Esta etapa se concretiza como um período de “acabamento” da modernidade” (BRITO, 2015, p. 172).

diante das novas formas de exploração do trabalhador. Gaulejac ainda complementa o exposto nos seguintes termos:

A diferença de tratamento entre a circulação das mercadorias, dos capitais e dos homens no mundo de hoje é considerável. A liberdade de circulação dos produtos e do dinheiro é quase total, ao passo que as restrições sobre circulação dos homens são múltiplas. A transferência dos capitais é ilimitada, instantânea, incontrolada, enquanto a dos trabalhadores é limitada, trabalhosa e objeto de regras muito estritas. Essa constatação é sintomática das relações entre o capital e o trabalho na hora da mundialização (2007, p. 57-58).

O gerencialismo, assim, passa a ser uma nova dinâmica social bem como o vocabulário gerencialista começa a permear as relações socioeconômicas. Neste sentido, a análise deste léxico não pode ser feita apenas de maneira estruturalista, como a Linguística de Saussure, mas caberia a uma parte da filosofia. A filosofia da linguagem, conforme Araujo (2001), não se limita aos elementos que constituem a língua, pois caberia ao filósofo o *denotatum*² da linguagem.

Em termos gerais, a motivação deste artigo está ligada à necessidade de analisar a linguagem e o modo pelo qual ela pode legitimar princípios de meritocracia, produtividade e os princípios neoliberais. Isto é, a linguagem do gerencialismo tem impactos em todas as esferas sociais do indivíduo, sejam elas corporativas ou até familiares. Este pensamento traz à luz a ideia de que o mundo corporativo passou a gerir as demais esferas e a sociedade é constituída basicamente de trabalho. Assim, a “ideologia da gestão”, explicada por Gaulejac (2007), faz com que o indivíduo aceite o excesso de trabalho mascarado de liberdade individual, porém esta liberdade é tida como ilusão. Tal fato ocorre porque o objetivo final é ilusório, o que pode ser explicado através da ideia lacaniana de que este objetivo é um eterno orbitar ao redor do objeto de desejo, isto é, o objeto de desejo estará sempre fora e distante do alcance do sujeito, ao mesmo tempo em que ele se circunscreve no sujeito e o sujeito nele.

Neste contexto, o objetivo final da super-produtividade não existe realmente, a ideia de tempo também foi ressignificada pelo gerencialismo. Isso porque, em tempos hipermodernos, a linearidade temporal persiste e também existe a pressa. Com isso, o sujeito hipermoderno está sempre preso a laços temporais de imediatismo e, ainda, isso está diretamente ligado à super-produtividade. Assim, pelo viés do conceito marxista, se o tempo está relacionado à produtividade e esse tempo é apressado, a produtividade deve ser elevada à máxima potência também. Neste sentido, o gerencialismo, ao passar a ideia de que o sujeito não tem muito tempo, centra-se no aumento da produtividade. A lógica do tempo também começa a impactar nas relações produtivas e de exploração, como afirma Lafargue (1999, p. 27): “a paixão cega, perversa e homicida do trabalho transforma a máquina libertadora em instrumento de sujeição dos homens livres: a sua

2. Araujo (2001) explica que na língua as palavras são combinadas pelas regras gramaticais, sintáticas e semânticas para que o indivíduo consiga produzir frases com significados. Neste caso, o que importa – na visão estruturalista – é a competência verbal, que a autora denomina *designatum*. O *denotatum* é o externo ao sistema linguístico estrutural, que no latim significa denotação.

produtividade empobrece-os”. Além disso, Gauleac (2007, p. 27) explica a gestão como “uma ideologia que legitima uma abordagem instrumental, utilitarista e contábil das relações entre o homem e a sociedade” (GAULEJAC, 2007, p. 27) e reiterada “sob uma aparência pragmática e racional, a gestão subentende uma representação do mundo que justifica a guerra econômica” (GAULEJAC, 2007, p. 27).

Em suma, expressões como “trabalhe enquanto eles dormem”; “treine sua mente para ver o lado bom em qualquer situação”; “trabalhe por um sonho, não por um salário”, entre muitas outras que circulam pela sociedade, disfarçam-se de discursos motivacionais que ajudariam o indivíduo a ter mais capital. Na realidade, porém, estas expressões motivam o indivíduo a trabalhar cada vez mais, enquanto a empresa enriquece e restringe a liberdade deste. Torna-se, desta maneira, um discurso de exploração tendencioso a ponto de fazer o indivíduo acreditar que o fato de “ganhar dinheiro” ou “possuir uma casa própria” só depende da sua própria produtividade e, ao fracassar, não existem outros culpados além dele mesmo.

Dessa forma, a linguagem auxilia a ideologia dominante da exploração para um acúmulo de capital que não vai chegar às mãos das camadas trabalhadoras. Assim, o gerencialismo se fortalece, atinge a esfera privada e a torna sua imagem e semelhança, ou como assevera Gaulejac:

Hoje, tudo se gere – as cidades, as administrações, as instituições, mas também a família, as relações amorosas, a sexualidade, até os sentimentos e as emoções. Todos os registros da vida social são atingidos. Cada indivíduo é convidado a se tornar o empreendedor de sua própria vida. O humano se torna um capital que convém tornar produtivo (2007, p. 28).

Pautado nas premissas expostas acima, o presente artigo pretende demonstrar, também sob a perspectiva da filosofia da linguagem, ancorando-se nas teorias de Volóchinov (2018); Heidegger (1979; 2015); Gaulejac (2007); Žižek (1996; 2017); entre outros, a problemática do uso da linguagem gerencialista na esfera privada e social. Desse modo, tem-se como escopo a possibilidade da compreensão da ideologia como fator de exploração e dominação usando como instrumento a significação dos signos simbólicos para relações assimétricas de jogos de poder.

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E A LINGUAGEM GERENCIALISTA

Em sua definição, a filosofia da linguagem é um campo de pesquisa, que integra a filosofia e a linguística, no qual não somente se analisa a relação pensamento *versus* linguagem, mas também entende-se a linguagem como tendo um papel constitutivo, em relação às diferentes formas de discursos. Neste sentido, na perspectiva de Volóchinov (2018), a existência de normas sociais é constituída através das consciências subjetivas de membros de uma coletividade, ou seja, a consciência – coletiva e individual – está situada em um contexto concreto, e assim é possível a compreensão da significação da língua. Com isso, a consciência coletiva em relação, especificamente ao aspecto abordado neste artigo, da linguagem gerencialista, é um acordo comum, assim como uma representação de signos é

uma convenção – ou, de certa forma, uma imposição – coletiva. Desta maneira, “de fato, a forma linguística é dada ao falante [...] apenas no contexto de certos enunciados e portanto apenas em um determinado contexto ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 181).

Neste sentido, a linguagem gerencialista é uma linguagem que visa explorar o indivíduo, mas com um discurso que é compreendido pela sociedade como algo natural e internalizado. Volóchinov afirma que “*onde não há signo também não há ideologia*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91 grifo do autor), isto é, qualquer signo reflete e refrata outra realidade, que está além dos limites desta. A estrutura social hipermoderna está impregnada de signos gerencialistas, os quais reproduzem a super-produtividade como algo necessário e imposto. Em contrapartida, a imposição não vem de modo a se sentir uma determinação violenta, ao contrário, por conta de ressignificações de termos que são apropriados pela linguagem gerencialista, o sujeito internaliza essas ideias e reproduz este discurso. Sendo assim, o significado de qualquer palavra, termo ou expressão “será definido pelas condições reais do enunciado e, antes de tudo, pela *situação social mais próxima*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 204 grifo do autor), na qual a sociedade hipermoderna se encontra, em um contexto puramente capitalista, e se poderia até mesmo considerá-la como um capitalismo selvagem, que permeia as relações entre os seres humanos e desvela fatores de opressão e submissão que, inevitavelmente, conformam tais relações.

PODER, DESEJO E A MORTE DO SUJEITO NO MUNDO GERENCIALISTA

O poder do capital tornou-se quase que ilimitado, conquanto o do sujeito tornou-se cada vez mais reduzido. Aqui não se faz referência a alguma forma de sociedade pré-capitalista em que os sujeitos fossem mais ou menos livres do que no capitalismo moderno. O próprio debate acerca de liberdade é excessivamente antigo e abissal, se esse ou aquele pensador estavam certos quanto ao livre-arbítrio não é tarefa deste artigo dizê-lo. No entanto, constatam-se as seguintes premissas: o capitalismo desempenhou uma nova forma de poder na sociedade e o capitalismo moderno, apoiado na financeirização e nas novas tecnologias, exerce um controle profundo dos meios de produção intelectual e cultural. Ademais, como argumenta Dowbor (2017), as corporações absorveram para si o exercício de poder, fazendo com que a sociedade e o indivíduo as sigam⁴.

Deve-se salientar que isto é feito de maneira quase que automática e velada, porque a apropriação da singularidade do sujeito ou do dinheiro e da mais-valia do mesmo é sempre realizada por uma pressão semântica, estatal, ideológica e religiosa. Um dos pontos latentes é a aceitação do capitalismo como *real* e *natural* e das demais formas de governo como opressivas e irrealizáveis. De acordo com Žižek (1996, p. 25, grifos do autor),

Essa tensão entre a ‘espontaneidade’ e a imposição organizada introduz uma espécie de distanciamento reflexivo no próprio cerne da noção de ideologia:

3. Em teóricos do círculo de Bakhtin, o conceito de ideologia é tido como “Ciência de Ideias” e se define não como tendo um caráter negativo, mas sim como organização estrutural social.

4. Cf. DOWBOR, 2017, p. 115-137.

a ideologia sempre é, por definição, ‘ideologia da ideologia’. Basta lembrar a desintegração do socialismo real: o socialismo era percebido como o império da opressão e da doutrinação ‘ideológicas’, enquanto a passagem para a democracia-capitalismo foi vivenciada como uma libertação dos grilhões da ideologia. Mas essa experiência de ‘libertação’, no decorrer da qual os partidos políticos e a economia de mercado foram percebidos como ‘não ideológicos’, como o ‘estado das coisas natural’, não é ideológica por excelência? O que queremos dizer é que esse traço é *universal*: não há ideologia que não se afirme distinguindo-se de outra ‘mera ideologia’. O indivíduo submetido à ideologia nunca pode dizer por si mesmo, ‘estou na ideologia’; ele sempre requer *outro* corpo de opiniões, para deste distinguir sua própria postura, ‘verdadeira’.

Tomando esta perspectiva, o capitalismo que se travestiu com a semântica de “democrático” e passa a ser aceito como *real* na sociedade em geral para, desta forma, naturalizar o seu *status quo*. Sendo assim, há uma aparência de sociedade democrática que valoriza a liberdade do indivíduo, no entanto, “na prática, poderemos ter democracia, conquanto a usemos a favor das elites” (DOWBOR, 2017, p. 137). Esta também é a questão elementar para Lênin, ou seja, a problematização da democracia capitalista e burguesa⁵.

É certo, por vezes, que o trabalho desempenhado pelo indivíduo entrou em contradição com sua essência⁶, uma vez que sempre foi proibido a quase todas as pessoas o privilégio de se fazer o que quer e o que se deseja. No entanto, cabe observar que o mundo gerencial tira a forma do poder tradicional, que era exercido pelos antigos modelos de empresa, e exerce uma nova forma de opressão psicológica e semântica sob o indivíduo.

Desta forma, o indivíduo passa a justificar seu *status quo* e, assim, as vontades da empresa tornam-se simbioticamente ligadas à vontade do sujeito, isto é, a inserção do sujeito quase como ente pertencente à empresa, tornando um “microindivíduo” dentro de um macrocosmo. Deste modo, o Eu constitui-se como parte menor de um *corpus* que é o mundo gerencial. Dentro da lógica gerencialista, todo e qualquer sujeito deve ser inserido de forma total no cotidiano das empresas tanto de forma física, quanto psicológica – muitas vezes a inserção torna-se tão fecunda que toma ares de dogmática, quase como se fosse uma religião própria. Ora, como assevera Gaulejac (2007), as novas formas de poder não são exercidas na esfera obrigacional e correccional, como antes era demonstrado e argumentado por Foucault. O poder agora passa muito mais pela *psyché* do indivíduo do que pela repressão física do mesmo, ou como pondera Gaulejac (2007, p. 119):

A gestão gerencialista prefere a adesão voluntária à sanção disciplinar, a mobilização à obrigatoriedade, a incitação à imposição, a gratificação à punição, a responsabilidade à vigilância. Sua força se enraíza em um sistema de valores que favorece o engajamento individual no qual a busca do lucro é acoplada a um ideal.

5. Cf. LENIN, 2019, p. 19-22.

6. Marx (2019) argumenta que o trabalho útil, aquele que tem relação direta e essencial com a vida do indivíduo sempre fez parte do cotidiano humano, desta forma o trabalho seria “necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 2019, p. 64-65).

Portanto, cabe ao Eu a inserção metafísica no *locus* da empresa, tornando-se parte – não essencial – de um corpo maior e dinâmico que são as corporações no capitalismo hipermoderno. Assim, se antes o modelo tradicional de empresa exigia obediência/empenho dos funcionários por meio de ameaças e sanções, o modelo gerencial convence e, desta forma, transfere toda a lógica de poder para o campo psíquico, fazendo com que o sujeito absorva para si a culpa ou o êxito pelos resultados da empresa. Dessa maneira, o gênero literário de autoajuda, altamente consumido, se insere como parte fundamental para manutenção de sistemas hipermodernos de repressão psicológica e semântica do sujeito.

Neste contexto, como afirma Heidegger, a fala é o fundamento ontológico-existencial do sujeito⁷. Dessa maneira, a existência do sujeito está intrinsecamente ligada à sua essência. Torna-se, neste sentido, o pertencer e o enunciar, ou seja, a forma pela qual o sujeito se posiciona e se insere no mundo. Assim, como salienta Heidegger (1979), o recíproco-pertencer faz com que o indivíduo projete-se na sociedade na mesma medida em que a sociedade se projeta no indivíduo, construindo uma relação inseparável e dialética⁸. Dessa forma, o mundo gerencial passa por absorver a singularidade do Eu, tendo como um dos pontos mais latentes o desejo e, se antes o desejo era exterior à empresa, no mundo gerencial, o desejo é intrínseco à empresa, os planos e os sonhos do indivíduo passam pela realização profissional dentro de determinado âmbito de trabalho. Como assevera Gaulejac (2007, p. 112):

É a empresa que é “personificada”. Os empregados dela esperam o reconhecimento. Experimentam por ela sentimentos tão intensos quanto a paixão, a raiva ou o despeito. A busca insatisfeita de reconhecimento é a expressão de uma necessidade de personalização diante de relações abstratas e quiméricas. A empresa gerencial não é tanto uma “burocracia liberal” (Courpasson, 2000), mas um sistema “sociopsíquico” de dominação, fundado sobre um objetivo de transformação da energia psíquica em força de trabalho. Para canalizar a energia psíquica, o gerenciamento põe em ação certo número de princípios em ruptura com o modelo disciplinar.

Além disso, a própria noção de tempo é absorvida pelo gerencialismo. O trabalho não se realiza apenas em horários de expediente, mas em momentos em que são exigidos do sujeito a superprodução, sendo mascarados como aperfeiçoamento individual. Os resultados disto são práticos, porque o mundo do trabalho torna-se cada vez mais selvagem quanto à competitividade e, com efeito, o trabalhador passa a ter suas forças de trabalho cada vez mais exauridas, conquanto sua qualidade de vida não possui uma melhora significativa.

7. Cf. HEIDEGGER, 2017, p. 223.

8. *Zusammengehörigkeit* traduzido comumente como comum-pertencer, mostra a relação entre o Ente e o pertencer, desse modo o processo é dialético e conduz a uma síntese. Cf. Heidegger (1979, p. 180-182).

O QUE HOVE COM O TEMPO?

A produção do trabalho está diretamente ligada com o tempo. Como demonstrado por Marx (2019), o valor final de uma mercadoria em si considera vários fatores, dentre eles o seu valor simbólico, o que é chamado de fetichismo da mercadoria⁹. A categoria fetichismo é de suma importância para compreender o encanto e o véu que o mercado financeiro assumiu para si próprio. Como argumenta Zizek (1996, p. 25, grifo do autor):

O que se deve ter em mente, aqui, é que ‘fetichismo’ é um termo *religioso* para designar a idolatria ‘falsa’ (anterior), em contraste com a crença verdadeira (atual): para os judeus, o fetiche é o Bezerro de Ouro; para um partidário do espiritualismo puro, fetichismo designa a superstição ‘primitiva’, o medo de fantasmas e outras aparições espectrais etc. E a questão, em Marx, é que o universo da mercadoria proporciona o suplemento fetichista necessário à espiritualidade ‘oficial’: é bem possível que a ideologia ‘oficial’ de nossa sociedade seja o espiritualismo cristão, mas sua base real não é outra senão a idolatria do Bezerro de Ouro, o dinheiro. Em suma, o que Marx frisa é que não há espírito sem fantasmas dos espíritos, não há espiritualidade ‘pura’ sem o espectro obscuro da ‘matéria espiritualizada’.

Afinal, o mundo gerencial concebe que o próprio tempo seja colonizado como mercadoria fetichista. Em última análise, o tempo é uma moeda na qual o indivíduo paga por suas escolhas. À medida que a ideia gerencial é constituída em relação ao tempo e como este deve ser sempre voltado para a produção, ou seja, não é permitido o ócio ao sujeito; o ócio não apenas no sentido físico, mas no sentido mental. Assim, por intermédio das novas ferramentas tecnológicas, o tempo foi colonizado ao máximo pela ideia de produtividade e gerencialismo. Tendo em vista que o sujeito ideal, para o mundo do gerencialismo, é aquele que com extremo aperfeiçoamento individual. Deste modo, o próprio aperfeiçoamento estaria ligado diretamente a razões externas como o fato de se sobressair em determinado emprego e/ou situações.

Nesta perspectiva, a linguagem desempenha um papel fundamental neste paradigma, pois ela é quem enuncia essas novas dinâmicas sociais e mercadológicas. Por isso, o papel da literatura de autoajuda tangencia este novo espectro de dominação simbólica. O mercado financeiro que age e transmuta a forma pela qual as empresas agem, visa, como sustenta Dowbor (2017), apenas o lucro, retirando o excedente – mais-valia – do trabalhador, assim enxugando os gastos e tornando mais competitiva a empresa dentro do mercado financeiro global¹⁰. Logo, nada mais eficiente que uma doutrina própria que justifique o mundo atual em prol de um mundo futuro.

Nessa perspectiva, assim como a maioria das doutrinas que pregam uma abnegação do agora em prol de um futuro, a literatura *coach* desenvolve em seu panteão seus dogmas e preceitos para o desenvolvimento de um indivíduo 100% produtivo que se ligue, de maneira total ao mercado,

9. Cf. MARX, 2019, p. 92-93.

10. Isto se deve em grande medida ao que Dowbor (2017) chama de *Economia Imaterial*, a economia não produtiva e especulativa que lucra com a financeirização do mercado, tornando-se uma forma estrutural de extração de mais-valia do trabalhador que está localizado na base do sistema produtivo. Cf. DOWBOR, 2017, p. 111-113.

transformando sua própria essência em produção/consumo. Dessa forma, utilizando de conceitos lacanianos, o capitalismo, com base no gerencialismo, mexe e transmuta o desejo de desejar do indivíduo, ou como afirma Zizek (2008, p. 89):

No nível mais imediato em que se dirige aos indivíduos, é claro que o capitalismo os interpela como consumidores, como objetos de desejo, provocando neles desejos perversos, excessivos e sempre novos (para cuja satisfação oferece produtos); além disso, é obvio que também manipula o “desejo de desejar”, louvando o próprio desejo de desejar objetos e modos de prazer sempre novos.

Constata-se que como a pulsão e o desejo são circundantes, seu objetivo principal é circular o objeto-meta. Zizek (1996) salienta também que, desse modo, ele se constitui não só em processos psicológicos do sujeito, como também em processos de constituição ideológica. Para se constituir como ideologia, deve haver em sua essência a contradição, ou como pondera Zizek (1996, p. 16):

A ideologia é uma comunicação sistematicamente distorcida: um texto em que, sob a influência de interesses sociais inconfessos (de dominação etc), uma lacuna separa seu sentido público ‘oficial’ e sua verdadeira intenção – ou seja, em que lidamos com uma tensão não refletida entre o conteúdo enunciado explicitamente no texto e seus pressupostos pragmáticos.

Ora, há uma tensão entre a temática real da literatura gerencialista e a temática pragmática – o que ela é de fato. Em termos práticos, ela deve dissimular-se, como todo processo ideológico. Portanto, em suma, esses processos devem, e vão, sempre, se apresentar como indicadores de melhoria do sujeito para o sujeito. Ademais, esta é uma marca do capitalismo tardio e hipermoderno, já que as palavras não possuem mais o valor de mudança *real*. Zizek (1996, p. 23-24) reitera:

É como se, no capitalismo tardio, ‘as palavras não importassem’, já não gerassem um compromisso: cada vez mais, elas parecem perder seu poder de execução; o que quer que se diga fica imerso na indiferença geral; o rei está nu e a mídia alardeia esse fato, mas ninguém parece realmente se importar – isto é, as pessoas continuam a agir como se o rei não estivesse nu...

Consequentemente, como Zizek (1996) ressalta, não há uma sociedade real que reapareceria após serem superadas as contradições entre o modelo econômico e a sociedade. Mesmo que se deseje, a realidade sempre carregará consigo o espectro do *real*. O trabalho da crítica é justamente não recair nos erros metodológicos e teóricos que separariam *nós* e *eles* nos discursos proferidos e defendidos pelas organizações/empresas/entidades comerciais.

ANÁLISES DA LINGUAGEM GERENCIALISTA EM CONTEXTOS ATUAIS

A análise partirá dos usos da linguagem para investigação de apropriação da linguagem gerencial nos discursos contemporâneos, utilizando como ilustração alguns trechos que contenham

palavras com significados que se imbuíram deste tipo de discurso. Além disso, a análise busca compreender como a ideologia se faz presente na legitimação da opressão e da exploração das classes trabalhadoras, e como isso se internalizou e se naturalizou na mesma. Os trechos foram retirados do livro *best seller Pai rico, pai pobre*, de Robert T. Kiyosaki. Como aporte teórico empregaram-se estudos de Adorno (2002), Volóchinov (2018), Lafargue (1999), dentre outros.

Para analisar de forma mais incisiva os significados que foram apropriados e ressignificados pela linguagem gerencialista, o presente artigo usará como *corpus* o livro mencionado acima e que se enquadra no gênero de autoajuda. Essa obra é uma das mais famosas desta área e, no ano de 2018, foram comercializados cerca de 54 mil exemplares¹¹.

Neste contexto, o intuito deste artigo não é de descredibilizar esse gênero literário, que atualmente é um dos mais consumidos no Brasil¹², como já supramencionado e explicado na seção anterior. Visto que o conceito chave, e talvez mais atrativo deste gênero, é o de ser classificado como algo que trará ao leitor algum ganho pessoal, assim como, também, traria ao leitor uma linguagem mais acessível e, com isso, compreensão – ainda que parcial – do pensamento humano. Dessa forma, dentro do gênero de autoajuda estão os livros de *coaching* que têm o objetivo de trazer esse ganho pessoal ao leitor, porém está mais relacionado à sua vida profissional. Esses livros, geralmente, “ensinam” ao leitor uma forma de ser um profissional bem sucedido, com uma grande carreira e, por consequência, conseguir o acúmulo de capital, o lucro. São, em síntese, leituras voltadas para a produtividade e em como trabalhar a mente para que o sujeito aprimore suas habilidades e competências para conquistar os objetivos profissionais.

Assim, o conceito seria algo inerente ao ser em relação ao desenvolvimento humano. Isto porque aprimorar habilidades e competências é o que o ser humano faz desde os primórdios. E, por conta disso, conforme assevera Saviani (2007), o homem é um animal, diferente dos outros, racional – em sua concepção mais difundida – e toda sua evolução está diretamente ligada à inteligência. Então, em conclusão, entende-se que o ser humano se aprimora tanto em habilidades e competências que já tem quanto em outras novas, como é o caso da tecnologia que surgiu no mundo contemporâneo.

Em contrapartida, a linguagem gerencialista, em discursos neoliberais, reutiliza alguns termos, porém com significados distintos. Dando ênfase na super-produtividade, que é a todo tempo impregnada no inconsciente dos indivíduos e ameaça, de certa forma, a liberdade do sujeito trabalhador. Assim, o sistema ganha com a ideia da super-produtividade, as multinacionais enriquecem, há o acúmulo de capital para aqueles que estão no topo da pirâmide, mas à classe trabalhadora resta pouco capital e muito trabalho. Este trabalho é feito de forma consciente, por terem expressões desta linguagem gerencialista que se internalizam na concepção de mundo do sujeito.

Levando em consideração o exposto, pode-se fazer uma análise semântica, com foco na filosofia da linguagem, de alguns trechos de *Pai Rico Pai Pobre*, conforme se vê abaixo:

11. Cf. <https://veja.abril.com.br/cultura/os-10-livros-de-negocios-mais-vendidos-de-2018-quantos-voce-leu/>

12. Cf. <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/autoajuda-domina-lista-de-livros-mais-vendidos-na-quarentena-e-desempenho-do-setor-volta-a-melhorar,ed5f259a20c75ca63d43f1858ffe980ddukgxndl.htm>

- i. “A preguiça reduz tanto a saúde quanto a riqueza” (KIYOSAKI, 2011, p. 17).

A palavra “preguiça” vem do latim: *pigritia, -ae* que significa: “Lentidão, vagareza, indolência. Preguiça. Lazer, ócio, tempo livre” (REZENDE; BIANCHET, 2014, p. 340). Utilizando a expressão retirada do dicionário como “tempo livre”, tem-se a perspectiva do filósofo Adorno (2002), que explica sobre a importância do tempo livre. Assim, o termo é conceituado por ele como um período que possibilita a criatividade, produtividade, um momento de liberdade – verdadeira – que o trabalhador contemporâneo, sob o regime capitalista, passou a subjugar em relação ao trabalho. A ressignificação do termo “preguiça” ocorre porque, como Adorno (2002, p. 19) destaca,

[...] a mecanização adquiriu tanto poder sobre o homem em seu tempo de lazer e sobre sua felicidade, determinada integralmente pela fabricação dos produtos de divertimento, que ele apenas pode captar as cópias e as reproduções do próprio processo de trabalho.

Assim, a preguiça, ou o ócio, que anteriormente eram considerados momentos essenciais no cotidiano humano, neste trecho de um livro que se utiliza da linguagem gerencialista, é tida como algo que apresenta um caráter negativo, pois a preguiça reduz a saúde e, também, a riqueza, que o trabalhador está lutando constantemente para ter. Lafargue (1999) denuncia a “sacrossantificação” do trabalho feita por padres, economistas e moralistas que integram a civilização capitalista. O referido autor ainda assevera que antigamente os filósofos se posicionavam a favor do homem livre e “os poetas cantavam a preguiça, esse presente dos deuses ‘*O Meliboe, Deus nobis hoc otia fecit*’ (Ó Melibeu, um Deus deu-nos esta ociosidade)” (LAFARGUE, 1999, p. 9).

Além disso, assim como outras expressões e ressignificações da língua, a linguagem gerencialista foi moldando os seus ressignificados ao longo de muitas décadas. Lafargue (1999) relembra de um escrito anônimo com título *An Essay on Trade and Commerce* (Um ensaio sobre o negócio e o Comércio) publicado em Londres, em 1770, em que o autor sugeria que para acabar com a preguiça da classe proletária era necessário “encarcerar os pobres nas casas ideais do trabalho (*ideal workhouses*) que se tornariam ‘casas de terror onde se fariam trabalhar 14 horas por dia’” (LAFARGUE, 1999, p. 12).

Em suma, a linguagem gerencialista fez com que o ócio, a preguiça, o tempo livre fossem estigmatizados de tal forma que estes signos linguísticos fossem associados a uma imagem acústica (ARAUJO, 2001) – de caráter negativo – com o passar do tempo. Assim, como a filosofia da linguagem reverbera, em relação ao contexto discursivo, as palavras devem ser entendidas e estudadas a partir do contexto em que foram ditas. A discussão em torno dessa citação retirada de um discurso neoliberal justifica-se no sentido de compreender como a linguagem gerencialista pode movimentar toda a estrutura social – em conjunto com o regime capitalista.

ii. “Meu pai pobre dizia: “Não ligo para dinheiro” ou “O dinheiro não é importante.” Meu pai rico sempre dizia: “Dinheiro é poder.” (KIYOSAKI, 2011, p. 18)

O autor utiliza a polarização de ideias para justificar seu ponto de vista, neste trecho. São expressões utilizadas de forma cotidiana e que, provavelmente, todo indivíduo já ouviu, assim como a máxima de que “dinheiro não traz felicidade”. Em contrapartida, a linguagem gerencialista acabou por tornar frases assim como negativas, porque pensando em dinheiro – ou capital – como algo não importante, o sujeito não produzirá para alcançar lucro e isso não seria positivo para a indústria. Volóchinov (2018) explica que a “ideologia do cotidiano¹³” é a forma mais contundente de se cristalizar sistemas ideológicos e, com isso, é este discurso que interage, de forma ativa, com o contexto histórico; é, ainda, o lugar em que ele vive e transforma a estrutura social. Dessa maneira, ele é capaz de transmitir mudanças de base social e econômica.

iii. “Continuem usando seu cérebro, trabalhem de graça e logo sua mente lhes mostrará formas de ganhar muito mais dinheiro do que eu poderia lhes pagar. Vocês verão o que outras pessoas nunca percebem. Oportunidades que estão à frente de seu nariz. A maioria jamais enxerga essas oportunidades porque estão atrás de dinheiro e segurança, e é isso que elas recebem” (KIYOSAKI, 2011, p. 40-41).

Para fins de contextualização, este trecho aparece no livro quando o “pai rico”, que na verdade é pai do amigo do autor, está ensinando uma lição a respeito de “ser rico”. O homem, que é proprietário de diversos empreendimentos comerciais, coloca o autor, Robert, e seu amigo, Mike, ainda crianças, para trabalhar em troca de ensinar como ter dinheiro. Nesse trecho, o “pai rico” fala sobre a importância de pensar em oportunidades e não nas horas trabalhadas em relação ao salário no fim do mês. Assim, ele faz a proposta para que os meninos trabalhem de graça para ele, para aprenderem as formas de se fazer dinheiro. Dessa forma, ele fala sobre o quanto as pessoas se preocupam com seu contracheque, quando na realidade um “emprego é na verdade uma solução de curto prazo para um problema de longo prazo” (KIYOSAKI, 2011, p. 36).

Anteriormente, o “pai rico” de Kiyosaki já havia se colocado contra os programas sociais do governo, por acreditar na “autossuficiência financeira” e “falava que isso estava criando pessoas fracas e financeiramente necessitadas” (KIYOSAKI, 2011, p. 18). Além disso, para o homem rico, “a causa principal da pobreza e das dificuldades financeiras está no medo e na ignorância, não na economia, ou no governo ou nos ricos” (KIYOSAKI, 2011, p. 37).

Desse modo, retirada da culpa do sistema, em relação à desigualdade socioeconômica, tal discurso transforma-se em uma ferramenta que potencializa a super-produção. Isto porque, se o problema econômico de um país não está atrelado a um problema de gestão governamental, então é no indivíduo que se concentra o problema de ele não ter capital. É como Dowbor (2020) salienta

13. Ideologia do cotidiano tem como conceito “todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213).

na perspectiva de Piketty: “todo sistema cria suas ideologias. E o sistema capitalista criou a sua, com correspondentes narrativas, para que pareçam legítimos os ganhos não merecidos”¹⁴. Ou seja, o discurso gerencialista faz crer que os ricos são ricos por trabalhar mais, terem criatividade na questão de “fazer dinheiro”. Em contrapartida, os pobres continuam pobres, pois tem preguiça e não tem criatividade, ou até, como se demonstra no *Best Seller* de Kiyosaki, porque têm medo. E, sendo assim, para o “pai rico”, estes sujeitos acabam culpabilizando o governo, que não teria nenhuma responsabilidade pela sua situação financeira.

Em síntese, este tipo de linguagem gerencialista culpa e responsabiliza o próprio trabalhador por seu fracasso. Se este é pobre é porque simplesmente não fez por merecer, não trabalhou o suficiente, não teve criatividade e não viu oportunidades. Esta linguagem e este preceito não levam em conta a relação de desigualdade que existe no mundo, assim como os privilégios da elite ou de outros indivíduos comparados a outros – como a raça, situação econômica, entre outros problemas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem gerencialista é direcionada para a classe trabalhadora, assim como o livro de Kiyosaki também se destina a este público. Dessa maneira, a linguagem é utilizada para internalizar aspectos neoliberais através de seu discurso. Com o enraizamento de falas neoliberais, o trabalhador irá produzir mais e mais rápido, uma vez que o enunciado destinado a ele lhe diz que dessa forma conseguirá chegar ao seu objetivo – objetivo ilusório conforme já discutido anteriormente. Nesse sentido, segundo as colocações de Volóchinov,

Antes de mais nada, ele [enunciado] é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada; isto é, a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro, seja como exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou como uma súplica por piedade, seja em estilo pomposo ou simples, seja de modo confiante ou tímido e assim por diante (2018, p. 206).

Assim sendo, o sujeito se priva de sua liberdade, de seus desejos para sucumbir ao trabalho. O discurso gerencialista torna o que Volóchinov (2018) chama de “expressão exterior” como algo que influencia a “vivência” do sujeito ou sua expressão interior e, com isso, pode-se afirmar que “*não é tanto a expressão que se adapta a nosso mundo interior, mas nosso mundo interior que se adapta às possibilidades da nossa expressão e aos seus possíveis caminhos e direções*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 212-213 grifo do autor) nas inter-relações entre aqueles que controlam o capital e aqueles que trabalham para sustenta-lo.

Em suma, a linguagem tem sido utilizada – tanto de maneira consciente, quanto inconsciente

14. Cf. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/-Capital-e-Ideologia-de-Thomas-Piketty-A-desigualdade-nao-e-economica-ou-tecnologica-ela-e-ideologica-e-politica/4/47001>

– para adaptar os sujeitos aos ambientes, como uma forma de praticar a ordem social. Isto é, termos que antes não eram apropriados por enunciados gerencialistas, atualmente foram semanticamente ressignificados a fim de legitimar expressões que trazem à classe trabalhadora a premissa de que quanto mais se trabalha, mais próximo e mais rápido chega-se ao objetivo. Porém, como já explanado e explicado anteriormente, o acúmulo do capital não fica nas mãos desta classe, assim como não se tem nenhum objetivo concreto a se atingir. Compreender e entender estes aspectos pode auxiliar na luta contra a opressão do sistema de classes e, desta forma, também ajudar na problemática da desigualdade socioeconômica que assola todo o mundo.

Ademais, como assevera Gaulejac (2007), a forma de comunicação que advém do gerencialismo produziu uma nova dinâmica no mundo do trabalho e nos sistemas financeiros, sendo assim, inseparável a necessidade de entender-se esses novos paradigmas enfrentados pela sociedade e pelo sujeito. A massificação do gerencialismo só comprova sua eficácia na expansão dos seus conceitos e dogmas que só por intermédio da análise minuciosa pode ser combatido e entendido.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, I. L. *Linguagem e realidade: do signo ao discurso*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Área de Estudos Linguísticos, 2001.

BRITO, W. da C. Os conceitos de pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. *Perspectivas em Psicologia*, vol. 19, n. 2, p. 155-182, Jul/Dez, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/32500/17501>. Acesso em: 01 abr. 2022.

DOWBOR, L. *A Era do Capital Improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

GAULEJAC, V. *Gestão Como Doença Social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e letras, 2007.

GRILLO, S. V. C. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. *Rev. Estud. Discurso*, n. 12, v. 3, set./dez., 2017.

HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KIYOSAKI, R. *Pai Rico Pai Pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. Fonte Digital. Edição ebooksbrasil.com, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/direitopreguica.pdf>. Acesso em 11 dez. 2021.

- LÊNIN, V. I. *Democracia e luta de classes: textos escolhidos*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- REZENDE, A. M.; BIANCHET, S. B. *Dicionário de Latim Essencial*. São Paulo: Autentica Clássica, 2014.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Rev. Bras. Educ.*, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem* (Círculo de Bakhtin). São Paulo: Editora 34, 2018.
- ZIZEK, S. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Gabriela Piovesan Leitão Tibola

Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Licenciada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Patrick Araujo Pereira

Graduado em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2022). Mestrando em Poéticas da Modernidade pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, atuando principalmente nos seguintes temas: Rosário Fusco, Verde, Modernismo Periférico, Filosofia, Crítica literária. Membro pesquisador/colaborador do grupo de pesquisa Modernismo Periférico.

Altamir Botoso

Doutor e Mestre em Letras (UNESP/Assis), Graduado em Letras: Português/Inglês/Espanhol/Francês/Italiano (UNESP). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), atuando na graduação e no Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: abtoso@uol.com.br

Recebido em 10/02/2022.

Aceito em 10/03/2022.